

Rapsodos da letra e da voz: o “Marco” poético dos repentistas e cantadores do Nordeste brasileiro

Francisco Cláudio Alves Marques (FCL/UNESP-Assis)¹

Em que pese o fato de muitos estudiosos, até bem pouco tempo, atribuírem as origens da Cantoria nordestina à arte trovadoresca ibérica, deve ser levada em consideração a constatação de que as tradições se refazem (LEMAIRE, 2010) e que, nessa dinâmica, adquirem novos significados à luz dos contextos de recepção, de modo que antigos arquétipos, em contato com outras tradições, se atualizam e se revitalizam. As tradições ibéricas aportadas na costa do Nordeste brasileiro tiveram a oportunidade de conviver, durante séculos, com as tradições orais indígenas e africanas, com as lutas pela terra e pela liberdade, com as adversidades do clima e da vegetação, de modo que antigas dicções não dariam conta de expressar o inusitado encontro de etnias e culturas, tanto com as que aqui já existiam quanto com as que chegavam através do Atlântico.

A Cantoria nasce em um contexto de luta; ela própria é luta e expressão da luta. No chamado Ciclo do Gado, grupos de cantadores surgiram tocando suas violas ou rabecas, narrando em versos o espetáculo das vaquejadas e a perseguição aos bois bravios, que fugiam por entre as veredas da caatinga mobilizando dezenas de vaqueiros negros e mestiços que, depois da captura do animal, transformavam a aventura em cantoria. Alguns, ainda na condição de cativos, narravam a gesta do boi fujão como se estivessem falando de sua própria existência, como fizera o cantador potiguar Fabião das Queimadas, autor da renomada cantiga Romance do Boi da Mão de Pau, em que usa a fuga e a perseguição ao boi como alegoria da condição do negro que fugia do cativeiro rumo aos quilombos, enfrentando a hostilidade das veredas do semiárido e a perseguição do capitão do mato, como ilustram as primeiras estrofes desta versão colhida por Irani Medeiros (2017, p. 41-42):

Vou puxar pelo juízo
Para saber-se quem sou
Prumode saber-se dum caso,
Tal qual ele se passou.
Que é o boi liso vermelho,
O Mão de Pau corredor!

Desde em cima, no sertão
Até dentro da capitá
Do norte até o sul,

¹ Professor Associado no Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis.

Do mundo todo em gerá,
Em adjunto de gente,
Só se fala em Mão de Pau.

Pois sendo eu um boi manso
Logrei a fama de brabo,
Dava alguma corridinha
Por me ver aperiado,
Com chocalho no pescoço,
E além disto algemado...

Foi-se espalhando a notícia;
Mão de Pau é valentão.
Tando eu enchocalhado,
Com as algemas na mão,
Mas nada posso dizer,
Que preso não tem razão.

Sei que não tenho razão,
Mas sempre quero falá,
Porque além d'eu estar preso
Querem me assassinar...
Vossa mercês não ignoram;
A defesa é naturá...

Em uma perspectiva um tanto romântica, Câmara Cascudo (1955) assim descreve a condição dos negros no Rio Grande do Norte, à época de Fabião das Queimadas:

A vida do vaqueiro predispunha à democratização. Ignorava-se no sertão o escravo faminto, surrado, coberto de cicatrizes, ébrio de fúria, incapaz de dedicação aos amos ferozes. Centenas ficavam como feitores nas fazendas, sem fiscais, tendo direito de alta e baixa justiça, com respeito ao que dissessem. Nas missões de “dar campo” aos bois fugitivos, indumentária e alimentação eram as mesmas para amos e escravos. Os riscos e perigos, os mesmos. O ciclo do gado, com a paixão pelo cavalo, armas individuais, sentimento pessoal de defesa e desafronta, criou o negro solto pelo lado de dentro, violeiro, sambador, ganhando dinheiro, alforriando-se com a viola, obtendo terras para criar junto ao amo, seu futuro compadre, vínculo sagrado de auxílio mútuo. (CASCUDO, 1955, p. 46).

Enquanto Fabião se apresentava nas festas juninas e vaquejadas do Rio Grande do Norte, em um cenário nem sempre amistoso, outro cativo, Inácio da Catingueira, se apresentava em Patos, na Paraíba, nas adjacências do município onde surgiu a Escola do Teixeira, composta por renomados poetas e cantadores. Em 1874, Inácio chegou a disputar com um desses expoentes, Romano da Mãe D'Água, que apela para o fato de seu rival ainda ser escravo para diminuí-lo durante a peleja. Ao que tudo indica, em alguns estados do Nordeste a relação entre negros, brancos e mestiços não era tão amistosa assim, como relatado por Câmara Cascudo (1955).

Em uma das versões da peleja de Inácio com Romano, colhida por Luiz Nunes (1979) junto ao cantador Manoel do Piancó, a atitude de Romano para com Inácio deixa transparecer o contexto de lutas raciais que se travou no Nordeste entre o final do século XIX e início do XX:

Romano:

Colega diga seu nome
Que eu quero ser sabedor;
Se é casado, se é solteiro
E onde é morador.
Se é cativo, me diga
Então quem é seu senhor.

Inácio:

Eu sou muito conhecido
Aqui por esta ribeira.
Este é um preto escravo
Inácio da Catingueira,
Escravo do meu senhor,
Compro, vendo e faço feira.

Romano:

Negro, que andas fazendo
Aqui nesta freguesia?
Cadê o teu passaporte,
A tua carta de guia?
Se andas fugindo, eu te amarro,
Nêgo comigo é na pia.
(NUNES, 1979, p. 77)

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, a (des)construção verbal de “territórios” imaginários como fortalezas, castelos, sítios e lagoas consolidou-se como um expediente poético bastante comum entre poetas de cordel, repentistas e cantadores do Nordeste brasileiro. Esses territórios poéticos, denominados “marcos”, integram um campo de batalha poético e vão sendo “demolidos” à medida que um cantador lança provocações ao seu rival de modo que, durante o debate, ambos procuram demonstrar sua superioridade na arte de compor em verso. Aquele que consegue desconstruir com maior eficácia o “marco” poético edificado pelo outro, é considerado o vencedor da peleja, sendo, por isso, aplaudido e eleito pelo público ouvinte como o poeta mais habilidoso no trato do verso e da rima.

Em uma das versões da peleja de Romano com Inácio da Catingueira, reelaborada em cordel pelo poeta Leandro Gomes de Barros (1910), a construção/desconstrução de um marco, no caso um sítio, serve de mote a ser demolido pela habilidade poética do cantador escravo:

Romano:

Inácio eu sei que és duro,

Mas é lá na Catingueira,
Para Mãe d'Água onde moro
Não descambas a ladeira,
Pode o diabo ir ao céu
Mas tu não vais ao Teixeira.

Inácio:

Repare para o nascente
Veja se o dia amanhece,
Se o sol nascer encarnado
É ele que se oferece,
Um farol grande, bem claro,
Mostra que o negro aparece.

Romano:

As colunas do meu sítio
Foram feitas de aço puro,
Ao redor do sítio tem
Grossas paredes de muro,
Tem lugar aonde um negro
Caindo fica seguro.

Inácio:

Os muros lá do seu sítio
Com um sopro só eu desmancho,
Abra o olho e limpe a vista,
Olhe a desgraça no rancho,
E veja que o negro velho
Dar-lhe serviço de gancho.
(BARROS, 1910, p. 12)

À volta do marco poético duas estratégias se impõem como fundamentais para o desenvolvimento da peleja: uma, a apresentação de um marco – território imaginário –, outra, a descrição desse marco (vantagem), com recurso ao exagero e à hipérbole, numa espécie de contar vantagem, exagerar na descrição do marco. A título de ilustração, citaremos algumas estrofes do final da *Peleja de Ulisses Baiano com José do Braço*, versão de 1929, composta por João Martins de Ataíde e colhida por Átila Almeida e José Alves Sobrinho (1981), em que José do Braço concede a palavra a Ulisses para que este descreva seu sítio baiano (Vantagem) e depois Ulisses concede igual oportunidade para que José exalte seu mocambo gaúcho (Vantagem):

Ulisses:

Tenho um sítio na Bahia
Modelo da criação,
Quatro serras formam o muro
Três pedras formam o portão
Dentro dele tem fruteiras
Que chamam tudo atenção.

[...]

Esse sítio é colocado
Nos limites da Bahia,
Quatro serras são seus muros
Feitas com tal sementria
Quem não examinar bem,
Diz que é de alvenaria.

Então o grande portão
Dá saída para o norte,
Não há marreta que o quebre
Nem há escopo que o corte
Na face de uma das pedras,
Lê-se o futuro da sorte.

[...]

José do Braço:

Colega gostei de ver
Seu sítio mistificado,
Eu também tenho mucambo
Em chão próprio edificado
Dê-me licença a dizer
Onde mora seu criado.

No Rio Grande do Sul
Lá está nossa cabana
Lá perguntando onde é
A Veneza americana
Tudo ensina nossa casa,
Pessoa alguma se engana.

Eis aí caro colega
Nosso mucambo é assim,
Só nas mil e uma noites
O palácio de Aladim
Se o colega me aguentar
Eu inda descrevo o fim. [...].
(ALMEIDA; SOBRINHO, 1981, p. 12-15)

Entre 1917 e 1918, Leandro Gomes de Barros compôs o marco *Como derribei o marco do meio mundo*, em resposta ao *Marco do meio mundo* elaborado em cordel por João Martins de Ataíde, provavelmente um ano antes. No marco de Ataíde, entre tantos outros lugares imaginários, destaca-se uma “lagoa”, assim cantada em sextilhas:

As águas dessa lagoa
Conforme o tempo do ano
Segundo o que tenho visto
Parece que não me engano
É cada onda imensa
P’ra mim não há diferença
Das vagas do oceano.

Nela tem todos os peixes
Piraíba e Tubarão
Xaréu, Baleia e Cavala

Lagosta e Camarão
A Cioba e Curimã
O Melro, a Curimatá
Biquara, Boto e Cação.

[...]

Na beira dessa lagoa
Eu fiz um grande estaleiro
Para construção de navio
Chamado vapor costeiro
Com acomodação larga
Tem uns que são para carga
Outros para passageiro.

[...]

As águas dessa lagoa
Quem lá foi pode contar
Pessoas que entram nela
Como quem vai se banhar
Seja ladino ou matuto
Toma banho e sai enxuto
Não precisa se enxugar.
(ALMEIDA; SOBRINHO, 1981, p. 57-58)

No poema de Leandro Gomes de Barros a demolição da lagoa de Ataíde se dá nos seguintes termos:

Na lagoa do colega
Eu não achei fundamento
Fui tirar mil litros d'água
Porém não achei um cento
De peixe achei um muçu
Pequeno feio rabugento.

Sim; fui ver o estaleiro
Que o colega fez ali
Quando vi admirei-me
Perguntei: é isso aqui?
Ali só pode fazer
Esteira de piripiri.

[...]

Diz Ataíde que há
Mistério nessa lagoa
Água dela não molha
Assim não pode ser boa
Não molha porque é seca
A lama fede que enjoa.

Diz ele que lá tem flores
Só vejo espinho de cigano
Das frutas lá só achei
Um melão de São Caetano
Róido por passarinho

E já estava seco há um ano. [...].
(ALMEIDA; SOBRINHO, 1981, p. 66-67)

Além de se apresentar como uma oportunidade para que os artistas nordestinos demonstrem suas habilidades na arte de narrar em versos, o “marco” poético também se configura como um gênero que provoca os rivais da voz a cantarem “ciência” – conhecimento adquirido no acesso a compêndios escolares, jornais e almanaques –, apontando para o fato de que tanto poetas de cordel como cantadores se inspiram em variadas matrizes impressas para alinhar suas composições, situando a arte da peleja entre o oral e o escrito. Um exemplo típico desse caráter híbrido da peleja nordestina encontra-se na disputa fictícia entre o cantador Joaquim Jaqueira e o poeta de cordel João Melquíades, quando ambos recorrem ao conhecimento livresco para falar de “ciência” nos acordes da viola:

M – Queres cantar na política?
Traz a tua livraria
Escolhe na biblioteca
A melhor filosofia
Eu vou te mostrar quem sou
Na arte da cantoria.

J – Melquíades, eu te quero ver
Na física e geografia
O senhor cantar as águas
Demonstrando teoria
As águas em movimento
Que faz o mar noite e dia?

M – Eu para cantar as águas
Não é história comprida
O movimento do mar
Admira a sua lida
O mar é um grande rio
Que traz a terra envolvida.

J – Melquíades, você me diga
Se sabe perfeitamente
Por que razão a maré
Faz minguante e faz crescente
O mar que fluxa e refluxa
Com modos tão diferentes?

M – Na época da lua nova
A maré será maior
Não sendo nova nem cheia
A maré será menor
O mar encana suas águas
No sorvedouro melhor. [...].
(FERREIRA, 1979, p. 2-3)

Levando em consideração o ambiente de luta – especialmente de lutas raciais – que se formou no Nordeste brasileiro após a Abolição, vale destacar importantes considerações apresentadas por Paulo Iumatti relativamente à crescente participação dos cantadores negros no contexto da cantoria:

O surgimento das cantorias como espaços em que escravizados, libertos e livres, negros e ‘brancos’, poderiam medir suas forças poéticas – e, em última instância, seu domínio da língua (raciocínio, métrica, rima, ritmo, imagens etc.) – em duelos que podiam chegar a dramatizar as relações sociais e raciais potencialmente em xeque mostra, possivelmente, todo o abalo simbólico de uma sociedade que, apesar do enfraquecimento do trabalho servil, se preparava para uma transformação cujas consequências eram ignoradas, e que gerava novos terrenos de sonhos, utopias e disputas. (IUMATTI, 2020, p.55)

Além de se oferecer como um espaço de oportunidades para cantadores negros darem continuidade à sua arte, tendo em vista que tanto na África como na Península Ibérica os negros contribuíram consideravelmente para o estabelecimento das regras e sonoridades do que viria a se constituir a cantoria nordestina, e ainda para que se estabelecessem como artistas da voz no ambiente conturbado do sertão, a Cantoria, de modo geral, ou pelo menos os registros e fragmentos que sobreviveram anotados em folhas de papel almaço ou impressos em folhetos de cordel, se coloca como um registro histórico capaz de lançar luz sobre um período particularmente importante da história da diáspora africana, o pré e pós-Abolição, bem como sobre as relações sociais e raciais que se estabeleceram naquele momento e contexto.

Referências:

ALMEIDA, Átila; SOBRINHO, José Alves. (Sel. e org.). **Marcos**. Campina Grande: UFPb/URNe, 1981 (Marcos e Vantagens, 1).

ATAÍDE, João Martins de. **Peleja de Ulisses Baiano com José do Braço**. Juazeiro do Norte: Editor Proprietário José Bernardo da Silva, s. d.

BARROS, Leandro Gomes de. **O Cometa/Romano e Inácio da Catingueira**. Recife: s. n., 1910.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: MEC/Serviço de Documentação, 1955.

FERREIRA, João Melquíades. **Peleja de Joaquim Jaqueira com João Melquíades**. Juazeiro do Norte: Filhas de José Bernardo da Silva, 1979.

IUMATTI, Paulo. **Cantos de guerra**: cantadores negros e as disputas em torno do gênero do Marco (1870-1930). São Paulo: Alameda, 2020.

LEMAIRE, Ria. Tradições que se refazem. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 35, Brasília, p. 17-30, jan.-jun. de 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/g3hhCLsQz7VXDMmzQg9fjrc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02/09/2023.

MEDEIROS, Irani. **Fabião das Queimadas**: de vaqueiro a cantador. Natal, RN: CJA Edições, 2017.

NUNES, Luiz. **Inácio da Catingueira, o gênio escravo**. João Pessoa, PB: A União Cia Editora/Secretaria da Educação e Cultura, 1979.